

A referenciação nos textos telejornalísticos

Cinthya Torres Saraiva de Melo*

Resumo:

O estudo da atividade referencial no gênero discursivo *texto noticioso de telejornal*, mais especificamente nas notícias e reportagens em *off*, justifica-se por ser a referenciação um aspecto central na construção da idéia, da argumentação e da informatividade na textualização de um modo geral. As análises partiram de duas estratégias de progressão referencial: *Estratégia Pronominal* e *Estratégia Nominal*, observando como se dão as relações de continuidade ou não de referentes na cadeia da *cotextualidade*. Os textos analisados foram produzidos em condições diferenciadas e para públicos diversificados, caracterizando-se por serem produzidos primariamente na forma escrita e recebidos apenas na forma oralizada, impedindo-nos de situá-los categoricamente na modalidade falada ou escrita, uma vez que se acham numa esfera de interseção.

Estudos teóricos destacam a importância do processo de referenciação para a produção textual e para a compreensão dos elementos que retomam os referentes que na tessitura do texto, se constroem tanto por relações endofóricas quanto exofóricas. Isso se deve ao fato da referenciação representar, tanto na fala como na escrita, um aspecto central na construção da idéia, da argumentação e da informatividade que permeiam os textos. De um modo geral, a fala e a escrita apresentam semelhanças na construção textual quando observadas dentro de um contínuo tipológico e comparadas dentro de um mesmo "gênero textual", entendendo aqui como gênero textual, os eventos comunicativos situados em contextos de uso (Marcuschi, 1996,1999). Por esta razão, adotaremos, neste trabalho, o termo "gênero notícia" para designar os textos informativos (noticiosos) de telejornais nas comunicações públicas, representados pela fala dos apresentadores e das reportagens em *off*:

Jornal Nacional (Emissora Globo-Noite)
NE-TV (Jornal local, Globo-noite)
Jornal Hoje (Globo-Meio dia)
Jornal da Manchete (Manchete- Noite)
Jornal Fala Brasil (Record-Manhã)

Na perspectiva acima considerada, oralidade e escrita não são vistas neste trabalho como modalidades dicotômicas, mas como modalidades onde há muito menos diferenças e muito mais semelhanças (Marcuschi,1999).

A base teórica que adotamos como ponto de partida está em Marcuschi e Koch (1998), ao tratarem da organização referencial como designação geral para o conjunto

* Trabalho desenvolvido no PROJETO INTEGRADO FALA E ESCRITA II: Características e Usos, no contexto do subprojeto "ATRIBUIÇÃO DE REFERENTES NAS ATIVIDADES DE FORMULAÇÃO TEXTUAL NA FALA E NA ESCRITA", financiado pelo CNPq, No. 52312-96-6, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi, em 1998.

de atividades envolvidas no processamento textual, responsável pela continuidade referencial. Segundo os autores, progressão referencial se define como “processo que diz respeito à introdução, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais, correspondendo às *estratégias de designação* de referentes e formando o que se pode denominar *cadeia referencial*”. Os autores se ocupam particularmente com duas estratégias da progressão referencial:

(a) Estratégia pronominal: (*uso de pronomes*) com ausência de antecedente explícito na cotextualidade - comum na fala.

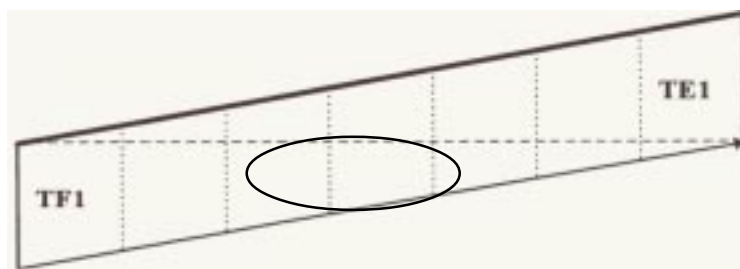
(b) Estratégia nominal: (*uso de nomes*) com funções anafóricas com ou sem antecedente referencial explícito na cotextualidade - comum na escrita.

Salientamos aqui que a referenciação se dá na base de nomes e pronomes (ou seus equivalentes funcionais) em uma diversidade de relações. A análise baseou-se nessas duas estratégias e nas relações de retomadas de referentes (anafóricos) por repetição do mesmo item lexical, por pronome e por variação lexical nos textos telejornalísticos produzidos em horários diferenciados, por emissoras variadas e para públicos diversificados, totalizando 7500 palavras. A razão de estudá-los está na característica desses textos, primariamente escritos, e recebidos apenas de forma oralizada, o que torna problemático situá-los categoricamente na modalidade falada ou na modalidade escrita, uma vez que se acham (posição adotada neste trabalho) numa esfera de interseção no contínuo tipológico desenvolvido por Marcuschi (1996). Isto sugere uma abertura na linha do contínuo tipológico para formar uma esfera de interseção onde estariam situados os “Gêneros de Mescla” (Marcuschi, 1999¹), por haver uma mescla dos estilos falados e escritos. Vejamos o esquema a seguir:

Representação do contínuo fala-escrita

Textos da Escrita TE1, TE2... TEn: Parte-se da formalidade para a informalidade

Textos da Fala TF1, TF2... TFn: Parte-se da informalidade para a formalidade



Nesta representação, a esfera intermediária sugere um conjunto de discursos em que a oralidade e a escrita se acham estreitamente interpenetradas em relação aos processos de produção e meios de transmissão.

¹ Expressão usada em conferência no III Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita (UFAL), de 12 a 16 de Abril de 1999. Tema: *Cognição, Explicitude e Autonomia no Texto Falado e Escrito*.

1. Estratégias de retomadas de referentes

Embora o quadro das estratégias de retomadas de referentes contenha sete tipos de estratégias, trabalhamos apenas com as três que nos interessam particularmente:

{1} retomada explícita de antecedente por repetição do mesmo item lexical.

{2} retomada explícita de antecedente por pronome.

{3} retomada implícita de antecedente por sinonímia, metonímia e associação.

O levantamento quantitativo dessas três retomadas anafóricas mostrou-nos os seguintes resultados apresentados na tabela 1:

Tabela 1: *Comparação das retomadas em textos de telejornais*

	Explícita por repetição do mesmo item lexical	Explícita por pronome	Implícita pr sinonímia, associação e metonímia
NE-TV(Noite)	31	8	27
Jornal Nacional(Noite)	27	16	77
Jornal Hoje (Tarde)	29	33	54
Fala Brasil(Manhã)	15	14	30
Jornal da Manchete(Noite)	22	7	29
Total	124	78	217
%	29,6	18,6	51,8

Observando os dados numéricos, constatamos uma maior ocorrência da estratégia {3}, em seguida da estratégia {1} e por último da estratégia {2}. Essas relações quantitativas nos apontam algumas considerações relevantes para a investigação da natureza e do comportamento dessas estratégias no texto noticioso falado.

2. Resultados prévios

Para fundamentar a natureza mais escrita desses textos, tecemos uma comparação com textos noticiosos escritos coletados em jornais locais (Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio), mostrados na tabela 2:

Tabela 2: *Comparação dos textos da fala e da escrita*

Relações de retomada	Fala 7.500 palavras	%	Escrita 7.500 palavras	%
Explícita por repetição do mesmo item lexical	124	29,6	182	46,5
Explícita por pronome	78	18,6	49	12,6
Implícita por sinonímia associação e metonímia	217	51,8	160	40,9
	419	100	391	100

Observando os dados das tabelas 1 e 2 e considerando os propósitos básicos dos textos noticiosos (objetividade, informatividade e imparcialidade²) tal como definido nos manuais de redação dos órgãos de imprensa, constatamos que no gênero noticioso do telejornal não ocorreram anáforas pronominais sem antecedente explícito na cotextualidade (o que é mais esperado na fala) e o índice de anaforização pronominal {2} foi o mais baixo das três retomadas. Isto nos leva a reforçar a idéia da natureza mais escrita do que falada desses textos. Vejamos este caso no exemplo 1:

Ex.1

F (501)

REPORTAGEM - /.../_a professora (ininteligível) teve a certeza hoje que estava entrando em casa...*ela* finalmente vai poder registrar o apartamento cento e trinta e um...no nome *dela*...como a professora *outros cento e cinquenta mutuários da encol* em sorocaba...tiveram os apartamentos hipotecados e penhorados para pagamento da dívida da construtora com o inss...mas *eles* conseguiram provar que *a empresa* deu garantia de imóveis que não eram *dela*...e numa decisão inÉdita...o inss reconheceu o erro e decidiu devolver os apartamentos para os legítimos donos
(Fonte: Jornal Hoje, emissora Globo)

Nos telejornais, a notícia dada pelo apresentador e pela reportagem em *off* possui características de um texto escrito, embora oralizado, onde há a identificação com as estratégias de referenciação anafórica da escrita, mantendo-se algumas características básicas da fala, como: entonação, pausa, uso de pronomes e correção imediata. Trata-se, portanto, de um gênero que é produzido primariamente escrito e secundariamente oralizado. Segundo Jossete Rey-Debove (1996:79), no artigo "*À procura da distinção oral/escrito*", "...pela transcodificação, as diferenças da

² Hoje os estudos da ACD (Análise Crítica do Discurso) mostram que esta autocompreensão dos órgãos de imprensa não é sustentável, já que a neutralidade não existe nem mesmo na produção científica, quanto mais na produção jornalística.

estratificação do signo são reduzidas ao mínimo e as noções de língua falada e língua escrita se interpenetram. Não há isomorfismo na transcodificação, sempre há um mínimo de mudanças numa oralização”.

As estratégias de referenciação utilizadas pelos telejornais são semelhantes às estratégias utilizadas pela imprensa escrita, o que reforça a visão das características do uso da fala e da escrita pelo contínuo tipológico, e não como modalidades opostas, como já dissemos anteriormente (ver tabela 2). No caso do gênero aqui tratado, podemos falar numa “mescla” dos *estilos* falados e escritos.

A variação lexical {3} é usada em maior escala nos telejornais como processo que além de produzir um efeito de sentido mais expressivo para veiculação de notícias com ironia, jogo lúdico e outros, tem a característica de aglutinar *novas informações através da variação do léxico* (Biber, Conrad e Reppen, 1998, cap.5). A variação também representa um elemento de construção de *frames*. Em “Tipos de *frame* e falantes cultos”, Preti (1998:71-86) desenvolve um estudo sobre uma série de conceitos teóricos a respeito de *frames*, dentre os quais dois nos são relevantes. “Para van Dijk (apud Preti 1998), “é o nosso conhecimento do mundo e a sua organização mental do tipo *frame* que decidem se as condições necessárias à adequação dos atos de fala foram realmente preenchidas ou não”. Para Trevisan (Apud Preti 1998), “os *frames* são estruturas de conhecimento pré-existent, armazenados na memória e que são ativadas a partir de estímulos, seja através de itens lingüísticos que compõem a tessitura textual, seja através de elementos icônicos que constituam a imagem do texto”.

Diante disso, podemos dizer que os *frames* gerados a partir da variação lexical no gênero noticioso do telejornal e imprensa escrita podem manipular, criar e induzir construções mentais pré-determinadas pelos criadores do discurso, quer seja pelo gênero da notícia, pela característica idealista da emissora ou pelo locutor/escritor do texto. Das três relações de retomada, a retomada por lexicalização {3}(sinonímia, metonímia, associação ou metaforização) tem a maior ocorrência nesses textos. Vejamos o exemplo 2 (faremos aqui o levantamento com apenas um dos referentes encontrados no texto, a título de amostragem):

Ex. 2

F (502)

APRESENTADORA- a Inglaterra inaugura a primeira *penitenciária odelo* para *menores*...uma prisão de luxo onde *os delinqüentes* vão ter direito à suite e telefone

REPORTAGEM- *os menores delinqüentes* da Inglaterra cometem sete milhões de delitos por ano...*garotos de apenas doze anos* como este...tem ficha criminais tão extensas quanto as de bandidos que já passaram dos trinta...foi para *jovens perigosos* que o governo inglês criou esta *penitenciária modelo*...por fora parece uma prisão como outra qualquer...mas por dentro lembra mais um hotel de salas e televisão... (Fonte: Jornal Nacional 18/04/98)

Por fim, a retomada do referente por repetição do mesmo item lexical (ver

destaque em itálico no exemplo 2) permeia o texto noticioso nos jornais escritos e televisionados, como *indicador de informação dada* (Biber, Conrad & Reppen, 1998), não requisitando ao ouvinte/leitor o uso demorado de tempo e energia para compreensão da notícia e/ou formação de *frames*. Nos textos analisados, a repetição geralmente ocorreu com uso de palavras de conhecimento mais geral.

Conclusão

Neste trabalho, pudemos concluir que o gênero noticioso do telejornal possui uma linguagem elaborada tanto quanto o gênero noticioso escrito. Isso nos leva a afirmar que mesmo sendo transmitido oralmente, o telejornal é um texto primariamente escrito. Quanto ao uso das estratégias de retomadas, cada telejornal tem sua estratégia de organização geral do texto, ora se utilizando mais de uma estratégia *x*, ora se utilizando menos de uma estratégia *y*. Dentre as três estratégias de retomadas anafóricas, a variação lexical é uma ferramenta geradora de frames para as mais diversas intenções que se queira veicular nas notícias. Isto sugere que os textos do telejornalismo em geral, apesar de serem falados, têm características de formulação típicas do estilo escrito altamente monitorado.

Referências Bibliográficas

- APOTHÉLOZ, D/M-j. REICHELER-BÉGUELIN (1995). "Construction de la référence et stratégies de designation". *TRANEL* 23: 227-271.
- BIBER, DOUGLAS (1998). *Corpus linguistics: investigating language structure and use/* Douglas Biber, Susan Conrad, Randi Reppen, Cambridge.
- KOCH, Ingedore Villaça (1989). *A coesão textual*. São Paulo, Contexto.
- KOCH, I.V. & L.C. TRAVAGLIA (1990). *A coerência textual*. São Paulo, Contexto.
- MARCUSCHI, Luíz Antônio (1996). *Por uma proposta para classificação dos gêneros textuais*. mimeo, UFPE.
- MARCUSCHI, Luíz Antônio (1997). Aspectos na progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro. UFPE - I Colóquio Internacional de Língua Portuguesa, 1998.
- MARCUSCHI, L. A & KOCH, I. V (1998). Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. *Gramática do português falado*, vol. IX, no prelo.
- MARCUSCHI, L. A & KOCH, I (1998). Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.* (Número Especial) em homenagem a ATALIBA DE CASTILHO): 169-190.
- PRETI, Dino (1998). Tipos de frame e falantes cultos. *In Estudos de língua falada: variações e confrontos*. Dino Preti (org). São Paulo, Humanitas/FFLCH USP, p.71-86.
- REY-DEBOVE, Josette (1996). *Para uma teoria da língua escrita*. São Paulo, Ática.